

Antropologias



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

PAULO CESAR MONTAGNER

Coordenador Geral da Universidade

FERNANDO ANTONIO SANTOS COELHO



Conselho Editorial

Presidente

EDWIGES MARIA MORATO

CARLOS RAUL ETULAIN – CICERO ROMÃO RESENDE DE ARAUJO
DIRCE DJANIRA PACHECO E ZAN – FREDERICO AUGUSTO GARCIA FERNANDES
IARA BELELI – MARCO AURÉLIO CREMASCO – PEDRO CUNHA DE HOLANDA
SÁVIO MACHADO CAVALCANTE – VERÓNICA ANDREA GONZÁLEZ-LÓPEZ

SUSANA DURÃO E OMAR RIBEIRO THOMAZ (ORG.)

Antropologias

Lições de uma história inquieta

EDITORIA
UNICAMP

SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIVISÃO DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
BIBLIOTECÁRIA: GARDÊNIA GARCIA BENOSSI – CRB-8ª / 8644

An89 Antropologias : lições de uma história inquieta / organizadores : Susana Durão e Omar Ribeiro Thomaz – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2026.

1. Antropologia. 2. Antropologia - História. 3. Antropologia filosófica. 4. Antropologia - Escritores. 5. Antropologia - Séc. XX. I. Durão, Susana, 1969-. II. Thomaz, Omar Ribeiro, 1965-. III. Título.

CDD – 301
– 301.09
– 128
– 301.0922
– 301.0904

ISBN: 978-85-268-1829-3

Copyright © Organizadores
Copyright © 2026 by Editora da Unicamp

As opiniões, hipóteses, conclusões e recomendações expressas neste livro são de responsabilidade dos autores e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Foi feito o depósito legal.

Editora associada à



Direitos reservados a

Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3ª andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

AGRADECIMENTOS

Susana Durão e Omar Ribeiro Thomaz agradecem em especial a todos aqueles que aceitaram preparar as aulas e rever os seus textos para esta edição. Os textos são inteiramente da responsabilidade de quem os escreveu. Os organizadores da obra também se congratulam com o apoio do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) à edição final desta obra, nomeadamente a coordenadora Taniele Rui, que, com entusiasmo, acolheu a ideia de editar em livro as Aulas Abertas: Teorias & Histórias da Antropologia, que tiveram origem numa disciplina lecionada de modo não presencial durante o período da pandemia em 2021 e, posteriormente, prosseguiram com base na organização de seminários dirigidos aos alunos/as. Também agradecemos ao aluno Jinx a sua colaboração, na época vinculado ao Programa de Estágio Docente do PPGAS-Unicamp. Por fim, um especial agradecimento ao professor João Pina-Cabral, que esteve envolvido conosco nos arranjos finais desta obra.

SUMÁRIO

Introdução – O significado das figuras do passado para uma antropologia futura	9
<i>Susana Durão</i>	
I Antropólogos e antropólogas entreguerras	
1 – Marcel Mauss e as categorias: uma aula de história do pensamento antropológico.....	21
<i>João Pina-Cabral</i>	
2 – As alunas de Mauss	53
<i>Miriam Grossi e Carmen Rial</i>	
3 – Corpo, doença e emoções: os caminhos da escola sociológica francesa	71
<i>Cynthia Sarti</i>	
4 – O centenário de <i>Argonautas</i>	91
<i>Mariza Peirano</i>	
5 – A invenção da antropologia política na África colonial.....	111
<i>Benoît de L'Estoile</i>	
II Antropologias no pós-guerra	
6 – Atualidade de Lévi-Strauss no século XX.....	149
<i>Mauro W. B. de Almeida</i>	

7 – Honra, graça e Pitt-Rivers.....	173
<i>João Pina-Cabral</i>	
8 – O valor dos valores: Louis Dumont na antropologia contemporânea	199
<i>Luiz Fernando Dias Duarte</i>	
9 – A antropologia inquieta de Victor Turner	243
<i>Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti</i>	
10 – Colette Pétonnet: pioneira da antropologia urbana francesa	265
<i>Claudia Fonseca</i>	
11 – Pierre Bourdieu e a antropologia.....	285
<i>Paula Montero</i>	
 III As décadas da Guerra Fria: visões antropológicas	
12 – Escola de Manchester: apontamentos pessoais.....	311
<i>Peter Fry</i>	
13 – Lélia Gonzalez e seu lugar na antropologia brasileira: “cumé que fica?”	337
<i>Alex Ratts</i>	
14 – Quilombo no pensamento militante e na antropologia.....	377
<i>Ilka Boaventura Leite</i>	
15 – Antropologia urbana: dos conceitos de base aos experimentos etnográficos	415
<i>José Guilherme Cantor Magnani</i>	
16 – Desafios da antropologia crítica no mundo contemporâneo	443
<i>Guita Grin Debert</i>	

INTRODUÇÃO

O SIGNIFICADO DAS FIGURAS DO PASSADO PARA UMA ANTROPOLOGIA FUTURA

Susana Durão

Em 2021, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) a vida segue dura. Ecoa uma pergunta: será possível ter uma vida acadêmica coletiva sem o nosso *campus*, ativo e dinâmico, funcionando? Onde exatamente reside essa vida? Passado já um ano de pandemia, questionávamo-nos: como reinventar aulas de antropologia para a graduação em um modo virtual capaz de cativar a atenção dos alunos/as? Convivendo cotidianamente com a restrição do contato social, acompanhado de um cansaço individual, nada parecia animador. Ainda assim, era obrigatório oferecer algo, sem perder de vista a densidade e a complexidade e fortalecer a história da antropologia.¹

Com o apoio do aluno Jinx, decidi, assim, oferecer algo inovador que pudesse contribuir para a consolidação e difusão do saber em antropologia. Comecei por fazer uma série de contatos a colegas cujas obras pessoais têm focado particularmente aspectos específicos da história da nossa disciplina. Juntos montamos uma série de cursos *on-line* para a matéria de Antropologia III: Teorias e Experimentações Etnográficas, na qual ingressei por concurso no departamento em 2013. Desse modo, acabou por ser possível realizar uma série espetacular de aulas semanais. Professores e professoras, fechados em suas casas, um pouco por toda a parte no Brasil e na Europa, animaram as manhãs de dezenas de alunos e de ouvintes que

¹ Devemos lembrar que o Departamento de Antropologia integra o IFCH, fundado em 1969, três anos após a criação da Unicamp pelo governo do estado de São Paulo.

se juntaram a nós para debater ideias. O projeto do curso chamamos Aulas Abertas: Teorias e Histórias da Antropologia.²

Um segundo momento foi posto em movimento pela reação dos/as estudantes de pós-graduação em antropologia social do IFCH, que puderam acompanhar as aulas virtuais. Diziam “Ah, os clássicos, só sempre os clássicos!”. Recebi, atenta, os ecos de um descontentamento compreensível. Nas tais grandes aulas faltaram outras antropologias, outras sensibilidades históricas e antropológicas. Visivelmente, não bastava chamar professores e professoras que são conhecidos por se dedicarem a estudar e oferecer seminários sobre eminências intelectuais lidas há décadas na antropologia brasileira e por todo o globo. Decidimos, então, ir além do projeto de sofisticar, com as biografias dos convidados, as leituras dos chamados “clássicos”. Com a ajuda do colega Omar Ribeiro Thomaz, fui em busca de articular aulas sobre novos nomes, influências, temas e interesses. De novo, colegas convidados nos fizeram vibrar nas tardes de inverno do segundo semestre de 2021. O segundo ciclo chamamos Aulas Abertas da Antropologia: Novas Tradições & Desafios.³

Ambos os momentos se depararam, está claro, com uma escolha necessariamente limitada e até parcial. Nunca imaginei qualquer possibilidade de representar as múltiplas discussões em jogo nas antropologias do mundo. Fui conversando com quem aderiu à ideia de levar as histórias da antropologia para o ar e ajudar a alimentar um arquivo de aulas virtuais que poderiam, a seu tempo, vir a ser alargadas. O segundo momento deixou claro que essas Aulas Abertas não tinham por finalidade fazer uma espécie de exaltação festiva nem do passado nem do presente da disciplina. A ideia era poder pensar e disputar intelectualmente esses passados e presentes. Na era das visualizações, essas apresentações permitem adivinhar o impacto da antropologia falada em português no globo (no caso,

² As Aulas Abertas do primeiro semestre podem ser visualizadas em <https://youtube.com/playlist?list=PL-bOlg62Dz6R5ax9ZqmHczljcR_KAYZyy>.

³ Este segundo conjunto de palestras já não esteve vinculado a uma disciplina, mas funcionou como oferta de aulas com o mesmo formato seminal do ciclo anterior. As Aulas Abertas do segundo semestre podem ser visualizadas em <<https://youtube.com/playlist?list=PL-bOlg62Dz6SjlSSebaVgcfJmJTxFZw9K>>.

várias aulas chegando a atingir dezenas de milhares de pessoas!). Alguém me referiu a importância dessas aulas para quem está se preparando para prestar concursos na docência acadêmica. O arquivo audiovisual com as aulas segue, por isso, disponível *on-line*, e o interesse por elas parece não ter ainda cessado.

Chegamos, assim, a um terceiro momento: o desejo de transformar as aulas em lições. Se o nosso *métier* é a escrita do mundo, interessava dar ao que foram apresentações orais, com toda a informalidade que é natural ao meio, a dignidade da redação e leitura. Pedi, pois, aos autores e autoras que revissem as suas aulas e as transformassem em texto escrito. Para efeitos didáticos, a ordem de leitura nas três partes em que organizamos o volume respeita as datas de nascimento, mas mantém a referência aos anos de maior incidência dos temas, das obras e autorias discutidas.

No curso de graduação em ciências sociais, a disciplina Antropologia III, que é parte da formação nuclear obrigatória no bacharelado e na licenciatura, tem uma herança de explicar as histórias e os contextos da antropologia. Em 2015, a disciplina foi reformada no sentido de oferecer mais protagonismo à etnografia e aos saberes nativos nas construções epistemológicas e teóricas. Dito de outro modo, a ideia é entender a reflexão etnográfica e os modelos de teorização argumentativos e indutivos acumulados ao longo do século XX na disciplina, mais particularmente entre as intensas décadas que vão sensivelmente de 1920 a 1960.

Disponibilizam-se, assim, leituras de etnografias antropológicas recuperando o arco de discussões sobre o fazer etnográfico. Essa perspectiva tem por finalidade ajudar a questionar as grandes divisões canônicas de organização do conhecimento herdadas da história da antropologia dos anos 1960 e que postulam uma estrutura hierárquica da produção do conhecimento antropológico, partindo da empiria para a razão; e, assim, da etnografia (pretensamente a “recolha” dos dados em primeira mão), passando pela etnologia (a alegada “descrição” dos povos) à antropologia (como uma “verdadeira” ciência do “homem”).

Embora revisitada, a discussão sobre as correntes e os debates da antropologia ao longo do tempo nem sempre tem sido levada a cabo com a densidade merecida no quadro de um semestre. Obras como a que estamos

editando oferecem aos discentes mais curiosos um meio para adensar e encaminhar as suas pesquisas e leituras adicionais sobre histórias e contextos dessa disciplina. Vale lembrar que para os mais jovens essa matéria conserva uma carga enigmática incomparável quando colocada ao lado das restantes ciências do social. Isso pode ter a ver com essa noção de que, na antropologia, “o passado é um país desconhecido”,⁴ sobretudo quando pensamos as variações do projeto de conhecimento sobre o que significa ser humano.

A antropologia nunca foi homogênea e, segundo alguns autores, é atravessada por pelo menos três grandes conjuntos de polarizações: a antropologia como *ciência generalizadora versus* a antropologia como uma das *humanidades* que busca mais a riqueza experiencial (fenomênica, como dizia Mauss) do que uma artificial precisão racionalista; antropólogos *de ação* (que estudam agência, estrutura social, política) *versus* antropólogos *do significado* (que se dedicam a decodificar símbolos, estruturas mentais, significado); e abordagens que veem a sociedade e a cultura como *fenômenos históricos* (estudos de globalização) *versus* abordagens que procuram estruturas e *padrões* temporais e *imutáveis* (neodarwinismo). Evidentemente a maioria das pessoas que hoje escrevem antropologia e pensam sobre a sua história se situam na encruzilhada de uma ou mais dessas polaridades básicas.⁵

Todavia, podem ser identificadas pelo menos quatro classificações internas que, mesmo que hoje estejam estilhaçadas, acompanharam por décadas a pluralidade identitária dos profissionais da disciplina. São *antropólogos sociais* aqueles que defendem uma ascendência intelectual na escola sociológica francesa de Durkheim e Mauss. Diferentemente, tendem a se considerar *antropólogos culturais* aqueles que reclamam a ascendência intelectual de Franz Boas e refletem o impacto que Talcott Parsons teve quando, nos anos 1930 e 1940, começou a traduzir as obras de Weber e Simmel para o inglês. São defensores do *empirismo* os que defendem a antropologia como uma “ciência natural”, como os pioneiros da escola britânica, tendo ao centro a figura de Malinowski. Por fim, são *idealistas racionais* aqueles

⁴ Ingold, 1996.

⁵ Hylland & Nielsen, 2007.

que de acordo com a escola estruturalista de Lévi-Strauss apostaram na antropologia como uma filosofia da linguagem.

Mesmo seguindo as pessoas discutidas em cada capítulo/aula, que procuram sintetizar as contribuições epistêmicas históricas da antropologia, cabe lembrar que, nos dias que passam, não ensinamos um saber perfeitamente subdividido em teorias e correntes. Todavia, não deixa de ser importante perspectivar alguns quadros-síntese das correntes dominantes através dos tempos, suas perspectivas e seus paradigmas. É importante ler os textos deste livro com alguma capacidade de inserção das perspectivas de autores e autoras tratadas nos quadros teóricos dominantes do seu tempo. Na antropologia, temos ficado cada vez mais atentos à impossibilidade de gerar o que chamo de *heurísticas da neutralidade*, isto é, a produção de um saber antropológico acríptico e de antropologias que não contenham em si alguma dose de pessimismo.⁶ Também por isso defendemos a obrigação moral de escutar atentamente a reação dos estudantes ao primeiro ciclo das Aulas Abertas. Por essa razão fomos em busca de resgatar novas tradições e desafios, para além das ditas leituras canônicas e, por fim, conjugamos uns e outros neste grande volume que você tem agora nas mãos.

De modo a tornar a inserção didática, fizemos uma divisão da obra em três partes: a antropologia entreguerras, a antropologia do pós-guerra e as décadas da Guerra Fria. Contrariamente ao que era costume fazer uma geração atrás, a maior parte dos historiadores da antropologia de hoje recusam-se a classificar as obras em termos de “correntes” dominantes. Nesse sentido, seguimos neste volume uma divisão temporal das contribuições dos autores rememorados.

Na primeira parte, João Pina-Cabral nos envolve numa reflexão sobre a questão das categorias sociais na obra de Marcel Mauss e a forma como esses debates se apresentam hoje à luz das profundas mudanças teóricas que temos vivido nas últimas duas décadas, não só na antropologia como na filosofia e na biologia. O seu ensaio é tanto sobre o que Mauss entendia no seu tempo quanto sobre a forma como a antropologia de hoje aborda, de modo diferente, os temas que a ele eram tão queridos. Em seguida, lemos

⁶ Ortner, 2016.

sobre a influência de Mauss nas obras, memoráveis, de suas diletas alunas, Denise Paulme, Germaine Dierthen e Germaine Tillion. Isso é feito pelas mãos de Miriam Grossi e Carmen Rial, que tiveram o privilégio de as poder entrevistar pessoalmente sobre o tema e sobre a forma como o pensamento durkheimiano vai ser reestruturado por estas no período do pós-guerra. Cynthia Sarti nos oferece uma reflexão sobre os temas do corpo, da doença e das emoções na escola sociológica/antropológica francesa. Ainda na primeira parte da obra, Mariza Peirano retoma a trajetória de uma das monografias mais lidas da antropologia, os *Argonautas do Pacífico Ocidental*, sob pretexto do seu centenário, e com deliciosos detalhes da vida e obra de Malinowski. E, finalmente, Benoît de L'Estoile nos conduz à invenção da antropologia política na África colonial, tema que raramente tem sido endereçado com o destaque que merece.

Na segunda parte da obra, mergulhamos em leituras sobre autores/as que singraram no pós-guerra. O primeiro texto, de Mauro de Almeida, é sobre a revisitação e atualidade da vastíssima e original obra de Claude Lévi-Strauss. De novo, João Pina-Cabral nos fornece uma reflexão sobre honra e graça em Julian Pitt-Rivers, um autor que cruza tanto a fronteira entre as correntes americanas e europeias da antropologia como as correntes francesa e britânica, mas que merece ser lido por relação a temáticas filosóficas que surgem no interior da biologia e da antropologia sociocultural de hoje. Luiz Fernando Dias Duarte escreve sobre uma das problemáticas mais tardias em Louis Dumont, os valores, em um autor cuja influência sobre a antropologia no Brasil foi central. A antropologia de Victor Turner, que elabora os conceitos-chave de drama social, liminaridade e ritos de passagem, símbolo e processo rituais, e se abre para abordagens inovadoras das romarias, narrativas, romances e *performances* sociais, é revisitada por Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti. Claudia Lee Williams Fonseca se debruça sobre Colette Pétonnet, uma antropóloga relativamente desconhecida entre nós, mas cuja abordagem das temáticas da corporalidade e da cidade merecem atenção à luz dos debates atuais na nossa disciplina, em que feminismo, biologia e indigenismo vêm marcando pontos importantes. Pierre Bourdieu, em sua contribuição para a antropologia, é lembrado por Paula Montero. Trata-se de um autor que, ainda que se autodenominasse

sociólogo, partiu da antropologia e nela teve vasta influência, sobretudo na geração da maior parte dos professores e professoras a quem pedimos que dessem essas aulas.

Na terceira parte desta coletânea, tratamos de obras mais contemporâneas. Peter Fry rememora a sua passagem pela Escola de Manchester, dominada durante as quatro décadas do pós-guerra pela figura de Max Gluckman. Mais uma vez, estamos perante alguém que, indiretamente, pela mão de pessoas como Otávio Velho, Bela Feldman-Bianco e o próprio Peter Fry, influenciou e continuará sem dúvida a influenciar determinantemente o pensamento antropológico brasileiro. Alex Ratts convida-nos a entender o lugar pioneiro, corajoso e original de Lélia Gonzalez na antropologia brasileira. O quilombismo na antropologia e a crítica militante pós-colonial são os temas escolhidos de Ilka Leite, alertando para a forma como os debates sobre a vida e a condição das populações afro-brasileiras continuam a marcar centralmente as ciências sociais brasileiras. José Guilherme Cantor Magnani, especialista em antropologia urbana, faz uma reflexão sobre os conceitos que fundaram os experimentos etnográficos em contextos de modernidade – o que se revela central para toda a antropologia que venha a ser desenvolvida nas próximas décadas. A obra termina com palavras de Guita Grin Debert sobre os desafios da antropologia crítica no mundo contemporâneo.

Como se verá, se alguns textos sofreram intervenções significativas, outros não perderam o estilo de lição pública intelectual que os fundou. Os artigos são desiguais, tanto no formato (alguns mantendo o tom da aula, outros mais ensaísticos) quanto no conteúdo (alguns densos, outros mais preocupados com a divulgação da disciplina). É importante ressaltar que o estilo didático, denso, mas acessível, não foi apagado nas versões escritas apresentadas. É na variação autoral que encontramos o interesse e o agrado desta coletânea, que, atirando o olhar sobre o passado, está constantemente pensando no futuro da nossa disciplina, essa disciplina que esperamos que os nossos alunos/as/es aprendam a amar e venham a praticar ativamente.

Este livro serve também para voltar a lembrar que as bases teóricas da disciplina não podem ser descoladas da necessidade de atualização didática e metodológica de uma história em ação. A antropologia, tal

como ensinada na universidade, é marcada pela autorreflexão crítica, em que o posicionamento e a experiência sociais dos sujeitos que a produzem importam na compreensão das próprias análises. As ideias e os conceitos apresentados nas aulas e retrabalhados nos textos escritos não são, nesse sentido, meras abstrações.

Por fim, lembrando Michel Foucault, não devemos ter ingenuidades quanto ao fato de toda e qualquer disciplina nas sociedades modernas significar um conjunto de técnicas, práticas e instituições que regulam, controlam e normalizam os comportamentos, os corpos e as identidades dos indivíduos. Como defende Isabelle Stengers, a noção de disciplina está ligada à estruturação das comunidades científicas. Sem dúvida que as torna eficientes e produtivas; mas impede-as de pensar, de dar um passo atrás; condena-as à competição e à recusa de tudo o que possa “fazer perder tempo”.⁷ Toda a ciência parte de uma barganha: para conhecermos melhor o mundo, temos que aceitar nos limitar, temos que aceitar reduzir esse mundo, como dizia Husserl. Ser parte de uma disciplina científica não é como ser parte de um corpo de oficiais. É diferente; nunca perdemos a liberdade. Se temos que nos disciplinar é só para que os outros nos entendam e para que nós possamos entendê-los – e assim possamos fazer um trabalho em conjunto, atravessando fronteiras nacionais e intergeracionais. A antropologia, assim, é uma disciplina na medida em que falarmos uns para os outros. Por isso, saber posicionar o pensamento dos antropólogos do passado diante dos problemas do presente é condição para que haja antropologia no futuro. Convido a leitora e o leitor ao desfrute destas lições de uma história inquieta da antropologia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em especial a Omar Ribeiro Thomaz, pelo interesse incansável e pelas intermináveis conversas acerca das Aulas Abertas; a Taniele Rui e Joana Cabral de Oliveira, pelo entusiasmo com o projeto e pelo apoio do

⁷ Stengers, 2002.

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Unicamp para a edição; e a João Pina-Cabral, pela ajuda nos arranjos finais da obra. Agradeço a todos e a todas aqueles que aceitaram preparar as aulas e rever os seus textos para esta edição, lembrando que muitas outras e outros, infelizmente, não puderam estar presentes.

REFERÊNCIAS

- ERIKSEN, Thomas Hylland & NIELSEN, Finn Sivert. *História da Antropologia*. Petrópolis, Vozes, 2007.
- INGOLD, Tim (ed.). *Key debates in Anthropology*. London/New York, Routledge, 1996.
- LEACH, Edmund. *A diversidade da Antropologia*. Lisboa, Edições 70, 1989 [1982].
- ORTNER, Sherry. “Dark anthropology and its others: Theory since the eighties”. *Hau: Journal of Ethnographic Theory*, vol. 6, n. 1, 2016, pp. 47-73.
- PINA-CABRAL, João. “Anthropology, social and cultural”. In: CALLAN, Hilary (ed.). *The international encyclopedia of Anthropology*. New York, John Wiley & Sons, 2018.
- STENGERS, Isabelle. *A invenção da ciência moderna*. São Paulo, Editora 34, 2002.

I

*Antropólogos e antropólogas
entreguerras*

